



## **23 DE MARÇO DE 2016**

### **Quarta-feira**

- REAJUSTE SALARIAL FICA ABAIXO DA INFLAÇÃO EM MAIS DA METADE DAS NEGOCIAÇÕES
- DESEMPREGO NAS GRANDES METRÓPOLES FICA EM 8,2% EM FEVEREIRO, APONTA IBGE
- 104 MIL EMPREGOS FORAM CORTADOS NO PAÍS EM FEVEREIRO; 2 MIL NO PARANÁ
- CRIADOR DO UBER MIRA SERVIÇO PARA CAMINHÕES NO BRASIL
- TOKYO STEEL ELEVA PREÇOS DE BARRAS DE AÇO PARA CONSTRUÇÃO PELA 1ª VEZ EM MAIS DE 2 ANOS
- BANCO CENTRAL NÃO TRABALHA COM FLEXIBILIZAÇÃO DA POLÍTICA MONETÁRIA, DIZ TOMBINI
- GOVERNO AUTORIZA INVESTIMENTO PRIVADO DE R\$ 184 MILHÕES EM PORTOS NO RS E PR
- COFECON: CAGED SINALIZA QUE EXPORTADORES LIMITARÃO DEMISSÕES NA INDÚSTRIA
- RELATÓRIO DA ONU APONTA GESTÃO DA ÁGUA COMO FUNDAMENTAL PARA GERAÇÃO DE EMPREGO
- TARIFAS PODEM TER REDUÇÃO
- METADE DAS INDÚSTRIAS DO PAÍS SOFRE COM FALHA NO FORNECIMENTO DE ENERGIA
- ARGENTINA QUER PASSO ATRÁS EM LIVRE COMÉRCIO
- FORD MOSTRA FARÓIS ALTOS ANTIOFUSCANTES
- PRÓXIMA GERAÇÃO DE CARROS DA SUBARU TERÁ NOVA PLATAFORMA GLOBAL
- GM ANTECIPA S10 E TRAILBLAZER RENOVADOS
- FPT COMEMORA RESULTADOS DO CENTRO TECNOLÓGICO DE QUALIDADE
- MAIORIA DOS EMPREENDEDORES TROCARIA O NEGÓCIO POR UM BOM EMPREGO
- FRAS-LE SUPERA EXPECTATIVAS: LUCRO SOBE 16% EM 2015
- MAN VENDE 103 CHASSIS DE ÔNIBUS PARA ANÁPOLIS

- MÓDULO ROTATIVO DINÂMICO PARA MONTAGEM DE ELETRÔNICOS
- BMW LEVA VEÍCULOS AUTÔNOMOS À FÁBRICA PARA REDUZIR CUSTOS
- CONHEÇA O PNEU ESFÉRICO QUE PRETENDE 'REINVENTAR A RODA'
- INVESTIMENTO DIRETO NO PAÍS EM FEVEREIRO SOMA US\$ 5,920 BI E SUPERA PREVISÕES
- MINAS E ENERGIA FIXA NOVAS REGRAS DE HABILITAÇÃO DE EMPREENDIMENTOS DE GERAÇÃO
- CONFIANÇA DA INDÚSTRIA SOBE 1,1 PONTO EM MARÇO ANTE FEVEREIRO, DIZ PRÉVIA DA FGV
- MME DEFINE GARANTIA FÍSICA DE ENERGIA DE NOVOS EMPREENDIMENTOS
- COMPRAS DOS DISTRIBUIDORES DE AÇO CAEM 21,1% EM FEVEREIRO, DIZ INDA
- COFECON: CAGED SINALIZA QUE EXPORTADORES LIMITARÃO DEMISSÕES NA INDÚSTRIA
- ARTIGO: ARMAGEDDON
- MINÉRIO DE FERRO VOLTA A CAIR NA CHINA APÓS RECUPERAÇÃO RECENTE
- NÚMERO DE EMPRESAS CRIADAS SOBE 10,4% EM JANEIRO E BATE RECORDE, DIZ SERASA
- REAJUSTE DO SALÁRIO MÍNIMO DE SC TEM DIA DECISIVO NESTA TERÇA-FEIRA
- RECESSÃO FAZ 277 INDÚSTRIAS FECHAREM AS PORTAS EM 2015

<b>CÂMBIO</b>		
<b>EM 23/03/2016</b>		
	<b>Compra</b>	<b>Venda</b>
<b>Dólar</b>	3,677	3,677
<b>Euro</b>	4,108	4,110

**Fonte: BACEN**

### Reajuste salarial fica abaixo da inflação em mais da metade das negociações

23/03/2016 - Fonte: Gazeta do Povo



Mais da metade das negociações de salários em fevereiro resultaram em reajustes abaixo da inflação. O dado é do "Salariômetro", estudo da Fundação Instituto de

Pesquisas Econômicas (Fipe). O relatório afirma que 63,9% das negociações de fevereiro tiveram reajustes salariais menores do que o a inflação acumulada pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC), que foi de 11,3% nos últimos 12 meses. Em fevereiro do ano passado, o Salariômetro constatou que apenas 18,8% dos acordos coletivos obtiveram reajuste menor do que a inflação.

“O mercado de trabalho está muito fraco, o desemprego está crescendo, o poder de barganha dos trabalhadores está muito enfraquecido, e a inflação está muito alta”, diz Hélio Zylberstajn, coordenador do boletim e professor da USP. “As empresas não conseguem aumentar tanto assim os salários, até porque elas também não conseguem acrescentar a inflação no preço dos seus produtos. E os trabalhadores também não têm força pra negociar.”

Além disso, em fevereiro, foi acordada uma redução da jornada de trabalho e de salários em 12% dos acordos coletivos que tratavam de ajustes salariais. Foram 19, de um total de 154 acordos.

Desses 19, dez usaram o Programa de Proteção ao Emprego (PPE), lançado no ano passado, em que a jornada e o salário do funcionário são reduzidos, e o governo subsidia metade da redução salarial – o que ameniza o impacto no bolso do trabalhador.

Segundo Zylberstajn, as perspectivas para o futuro não são animadoras: “Os sinais da atividade econômica continuam sinalizando para a queda. E, mesmo que em algum momento ela retome e comece a crescer, isso não significa que haverá imediatamente uma retomada de emprego, porque as empresas esperam que haja uma recuperação econômica certa antes de começar a contratar. Portanto, eu não vejo possibilidade de melhora no mercado de trabalho a curto prazo”.

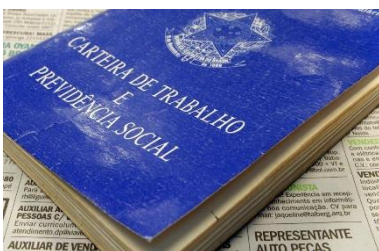
O “Salariômetro” analisou 567 negociações com início de vigência em fevereiro. As informações foram extraídas a página “Mediador” do Ministério do Trabalho e Emprego.

### **FGTS**

Os dados sobre folha de salários, estimada a partir dos depósitos vinculados ao FGTS, também piorou. As informações dessazonalizadas mais recentes disponíveis são de dezembro de 2015, e o montante somava R\$ 95,4 bilhões. O valor representa uma queda de 2% em relação ao mês anterior e de 5,6% em relação ao mesmo mês de 2014.

## **Desemprego nas grandes metrópoles fica em 8,2% em fevereiro, aponta IBGE**

23/03/2016 - Fonte: Gazeta do Povo



A taxa de desemprego medida pelo IBGE nas seis maiores regiões metropolitanas do país (Rio, São Paulo, Belo Horizonte, Recife, Salvador e Porto Alegre) ficou em 8,2% em fevereiro, frente aos 7,6% registrados no mês anterior e aos 5,8% de fevereiro de 2015. É a maior taxa para o mês desde 2009, quando ficou em 8,5%. Considerando todos os meses, a taxa é a maior desde maio de 2009 (8,8%).

## **104 mil empregos foram cortados no país em fevereiro; 2 mil no Paraná**

Os dados captados pela Pesquisa Mensal de Emprego (PME) refletem os efeitos do baixo crescimento da economia no mercado de trabalho, que perduram pelo segundo ano consecutivo. O resultado veio de acordo com a expectativa dos analistas — o Bradesco previa 8,2%.

No ano passado, a taxa de desemprego medida pelo IBGE nas seis maiores regiões metropolitanas do país ficou em 6,8% — o maior nível desde 2009, logo após a crise financeira internacional. Em 2014, ela havia sido de 4,8%, a mais baixa de toda a série histórica, iniciada em 2002.

Esse aumento de dois pontos percentuais na taxa média de desemprego foi o maior de toda a série anual da pesquisa, iniciada em 2002, e interrompeu a trajetória de queda que ocorria desde 2010.

O levantamento desta quarta-feira (23) foi a última divulgação da PME, que está sendo descontinuada pelo IBGE, por entender que outras pesquisas do instituto já contemplam índices sobre mercado de trabalho, como a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) Contínua, que cobre todas as capitais do país.

De acordo com este levantamento, o desemprego é generalizado. O contingente de desocupados passou de 6,7 milhões de pessoas em 2014 para 8,6 milhões no ano passado, quase dois milhões de desempregados a mais.

A taxa média de desemprego em 2015 ficou em 8,5%, a maior da série histórica do estudo, iniciado em 2012. E, segundo especialistas, essa taxa deve ultrapassar os dois dígitos este ano.

## **104 mil empregos foram cortados no país em fevereiro; 2 mil no Paraná**

23/03/2016 - Fonte: Gazeta do Povo



O mercado de trabalho brasileiro fechou 104.582 vagas de emprego formais em fevereiro de 2016. Este é o pior resultado para o mês desde 1992, quando começou a série histórica. Os dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) do Ministério do Trabalho são fruto de 1.276.620 admissões e 1.381.202 demissões no período.

O resultado foi muito inferior ao registrado em fevereiro do ano passado, quando foram fechadas 2.415 vagas pela série sem ajuste. No acumulado dos últimos 12 meses, o país fechou 1.706.695 vagas, com ajuste, ou seja, incluindo informações passadas pelas empresas fora do prazo. No primeiro bimestre do ano, o saldo de postos fechados é de 204.912, também com ajuste.

Sete dos oito setores de atividade econômica registraram saldos negativos em fevereiro. O comércio foi o setor que sofreu mais cortes, com perda de 55.520 empregos formais. A indústria de transformação foi a segunda mais afetada (-26.187 postos), seguida pela construção civil (-17.152).

Os setores de serviços e agropecuária registraram quedas de 9.189 e 3.661 no número de vagas formais, respectivamente. O único setor que contratou mais do que demitiu no período foi o de administração pública, com abertura de 8.583 novos postos.

### **Paraná**

Em fevereiro foram fechados 2.050 postos de trabalho formais no Paraná. O número veio pior do que as pouco mais de mil vagas abertas em janeiro e, com isso, o mercado de trabalho paranaense acumula no ano o fechamento 1.042 vagas. Nos últimos 12 meses, foram 93.556 pessoas demitidas no Paraná.

Os dados de fevereiro mostram uma dinâmica mais fraca na Região Metropolitana de Curitiba, onde foram fechados 3.903 postos de trabalho, ao mesmo tempo em que foram criadas 1.853 vagas no interior.

Este foi o primeiro resultado negativo para um mês de fevereiro no Paraná desde 1999, quando houve o fechamento de mais de 8,8 mil vagas. Também é o primeiro recuo no emprego formal para o primeiro bimestre pelo menos desde 2002, segundo a série temporal apresentada pelo Ministério do Trabalho.

O setor de serviços foi o que mais abriu vagas em fevereiro (908), seguido da agropecuária (576) e da administração pública (199). Na outra ponta, o comércio fechou 2,3 mil postos de trabalho, seguido pela construção civil (-888), indústria (-390), serviços de utilidade pública (-117) e indústria extrativa mineral (-28).

O município de São Mateus do Sul, onde a Petrobras fez no último mês a manutenção da usina de processamento de xisto, liderou a criação de postos de trabalho em fevereiro entre as cidades com mais de 30 mil habitantes, com 362 contratações. A cidade foi seguida por Ibiporã (296), Rio Negro (264) e Palmas (216).

Curitiba teve o pior saldo, com o fechamento de 3.093 postos de trabalho. Em seguida, vêm São José dos Pinhais (-532), Guaratuba (-390) e Cascavel (-255).

### **Criador do Uber mira serviço para caminhões no Brasil**

23/03/2016 - Fonte: Folha de S. Paulo



O mexicano Oscar Salazar, um dos fundadores do Uber, decidiu investir na CargoX, uma transportadora brasileira que conecta caminhoneiros autônomos e que precisam enviar mercadorias—de modo parecido ao que faz a companhia norte-americana no transporte de passageiros.

A injeção de recursos, que terá participação de fundos como Valor Capital Group e Lumia Capital, não teve o montante divulgado.

Segundo Federico Vega, fundador e presidente da CargoX, serão investidos R\$ 100 milhões na companhia em dois anos (incluindo recursos da própria empresa).

Salazar, que deixou o Uber em 2011, disse à Folha que o tamanho do mercado de fretes no Brasil despertou seu interesse pela companhia. É o primeiro investimento dele na América do Sul.

Segundo Salazar, o modelo de negócios adotado tem o potencial de tornar setores mais produtivos a partir da transformação no modo como funcionam.

No caso do setor de logística, a ideia é reduzir o número de caminhoneiros autônomos com a caçamba vazia nas estradas (cerca de 30% deles, dizem os donos de start-ups do setor).

A ideia é usar a tecnologia para definir qual a melhor forma de distribuir as mercadorias entre eles, diz Salazar.

A CargoX funciona em versão de testes desde novembro do ano passado. A ideia que deu origem a ela vem sendo aplicada por empresas que estão no mercado brasileiro ao menos desde 2012.

A diferença, segundo Vega, é que a CargoX vai treinar os caminhoneiros e será responsável por toda a entrega, arcando com problemas em casos de furtos da mercadoria, por exemplo.

As outras empresas permitem a quem faz o envio ver o perfil de caminhoneiros que estão em sua região e escolher o que preferir. São mais parecidas com Tinder (aplicativo para paquera) do que com Uber, diz Salazar.

Vega afirma que a CargoX possui cadastro de 100 mil caminhoneiros. A maior parte deles ainda terá suas informações checadas e passará pela capacitação.

### **MERCADO COMPETITIVO**

Marcelo Nakagawa, professor do Insper, diz que o mercado para conectar autônomos e embarcadores tem potencial para crescer, especialmente na crise, quando a busca por eficiência aumenta.

Porém ele diz acreditar que haverá dificuldades para a nova companhia, mesmo tendo o apoio de Salazar.

"É um mercado que já possui competidores bem posicionados, tanto em número de profissionais como também em investidores e parcerias de distribuição", diz.

Entre os outros serviços, a TruckPad possui cerca de 370 mil caminhoneiros com o aplicativo instalado, a Rede Frete Fácil tem 350 mil, e a Sontra Cargo, 150 mil.

Esta última também foi fundada por Vega. Ele diz que cada empresa atende um público diferente.

### **Tokyo Steel eleva preços de barras de aço para construção pela 1ª vez em mais de 2 anos**

23/03/2016 - Fonte: R7

A Tokyo Steel Manufacturing, maior siderúrgica do Japão que utiliza fornos elétricos na produção de aço, vai aumentar preços de barras usadas em construção para entrega em abril em 5 por cento, no primeiro reajuste em mais de dois anos.

O aumento reflete uma retomada nos preços no mercado à vista no Japão e no exterior.

A companhia vai aumentar os preços das barras de aço em 2 mil ienes (17,83 dólares) para 44 mil ienes a tonelada, afirmou a empresa a jornalistas.

Será o primeiro reajuste promovido pela Tokyo Steel desde janeiro de 2014, o que pode indicar que o mercado atingiu o fundo depois da retração gerada por excesso de oferta.

A estratégia de preços da empresa é atentamente monitorada por rivais asiáticas como Posco, Hyundai Steel e Baosteel, que exportam para o Japão.

"Acreditamos que o mercado doméstico atingiu o piso após a acentuada reversão dos preços no exterior, liderados por aumentos de preços pelas siderúrgicas chinesas", disse o diretor da Tokyo Steel Kiyoshi Imamura aos jornalistas.

## **Banco Central não trabalha com flexibilização da política monetária, diz Tombini**

23/03/2016 - Fonte: R7



O presidente do Banco Central, Alexandre Tombini, afirmou nesta terça-feira (22) que, diante do balanço de riscos para a inflação ainda "desafiador", e descartou a possibilidade de reduzir os juros básicos mesmo diante da economia fraca.

"O balanço de risco para a inflação permanece desafiador... e não nos permite trabalhar com a hipótese de flexibilização das condições monetárias", afirmou ele durante audiência na CAE (Comissão de Assuntos Econômicas) do Senado.

Tombini destacou ainda a importância do ajuste fiscal e que há muito o que ser feito para resgate da confiança da sociedade na economia brasileira.

### **Perspectiva**

Tombini afirmou que o que se vislumbra para este ano é um menor dinamismo da economia mundial, com manutenção da incerteza e da volatilidade.

O chefe da autoridade monetária disse que a comunicação mais recente do Fed (o banco central norte-americano) indica que o ciclo de aperto monetário nos Estados Unidos deverá ser mais suave do que se esperava. Segundo ele, a previsão de que os EUA tracionaram a economia global vem sendo questionada.

Para Tombini, desde o fim de 2015, o quadro macroeconômico global tornou-se mais complexo e menos previsível, com dúvidas em relação ao ritmo da desaceleração da China. Os preços das commodities e do petróleo diminuíram e a volatilidade dos mercados aumentou. Ele destacou que os Países emergentes ressentem redução da demanda e dos preços das commodities.

Tombini disse ainda que programas desenvolvidos pelos BCs, como o europeu, estão oferecendo abundante liquidez ao mundo. Sobre a relação mais interdependente das economias, ele disse que isso aumenta o risco de contágio.

### **Ajustes no Brasil**

O presidente do Banco Central afirmou que o Brasil passa por ajuste fiscal, monetário e externo, mas ponderou que eles ocorrem em velocidades distintas. Segundo ele, a expectativa é de que o déficit nas contas externas feche o ano baixo dos US\$ 30

bilhões. "Isso é um ajuste significativo. Houve reversão de déficit para superávit na balança comercial", afirmou a parlamentares.

Tombini relatou ainda que o saldo acumulado da balança comercial deve crescer de modo expressivo este ano, superando os US\$ 30 bilhões. Como em outras ocasiões, ele afirmou que o câmbio flutuante é a primeira linha de defesa do País.

"Nossa moeda teve significativa redução nos últimos anos. Os ganhos para a competitividade nacional (com depreciação cambial) são indiscutíveis. O custo unitário do trabalho na indústria, desde meados de 2014, caiu 40% quando medida em dólar. Os ganhos de competitividade têm estimulado exportações e a substituição de importações", disse.

Para ele, apesar da crise política e econômica, o Brasil manteve a atratividade para investidores estrangeiros e lembrou que em 2015 o País atraiu US\$ 75 bilhões em investimentos estrangeiros diretos, permitindo financiamento integral do déficit em conta corrente.

Segundo Tombini, o ajuste da taxa de cambio contribui para diminuir demais danos que possam ser gerados por instabilidades internacionais nos mercados domésticos. "Quando ocorrem volatilidades globais, as moedas apreciadas sofrem mais" observou.

O presidente do BC ainda argumentou que para que a taxa de câmbio possa flutuar sem causar maiores desequilíbrio, a economia doméstica tem de estar preparada. Ele lembrou que em um passado recente do País, as depreciações do real frente o dólar causaram "pesado" efeito econômico. "Atualmente, a economia não se encontra excessivamente exposta ao risco cambial", avaliou.

Ele observou que a formação de reservas, o programa de swaps — que permitiu as empresas e investidores passarem com segurança período de instabilidade cambial — e por último, a mudança na estrutura do balanço de pagamentos, impediram uma crise mais intensa.

As afirmações de Tombini foram feitas em audiência pública na CAE no Senado para tratar das diretrizes de implementação e perspectivas futuras da política monetária.

## **Governo autoriza investimento privado de R\$ 184 milhões em portos no RS e PR**

23/03/2016 - Fonte: Paraná Online

Com o objetivo de ampliar a capacidade de movimentação de cargas da Região Sul do País, a Secretaria de Portos (SEP) vai autorizar nos próximos dias dois investimentos do setor privado que juntos chegam a R\$ 184 milhões. O primeiro contrato - de 25 anos de duração - será assinado pelo ministro Helder Barbalho com a Nidera Sementes, que irá investir cerca de R\$ 70 milhões em um novo Terminal de Uso Privado (TUP) em Canoas (RS), voltado para a movimentação de soja, milho e trigo.

Esse terminal terá uma área total de 140,8 mil m<sup>2</sup> à margem do Rio dos Sinos, no qual já há uma hidrovia apta para a navegação de barcaças. Além disso, haverá acessos ao terminal pelas BRs 448 e 116. A estimativa é de que TUP tenha uma capacidade de armazenagem de 45 mil toneladas de grãos e movimento até de 850 mil toneladas por ano.

Já o segundo contrato será firmado com a Terminais Portuários da Ponta do Félix (TPPF) em suas instalações no Porto de Antonina (PR). Nesse caso, Barbalho assinará a renovação antecipada da concessão da área, com um compromisso da empresa em investir mais de R\$ 114 milhões em novas obras de ampliação da capacidade do terminal.



O novo contrato valerá até o fim de 2037 e a expectativa da SEP é de que, com os novos investimentos, o terminal da TPPF passe a movimentar 2,94 milhões de toneladas de carga por ano.

Entre as obras previstas, a TPPF construirá um armazém com capacidade para até 120 mil toneladas de fertilizantes, além da implementação de correias de interligação entre o novo equipamento e o berço 2 já existente.

A empresa também irá ampliar o cais 3 da área em 170 metros, além de reforçar a dragagem do terminal chegando a uma profundidade de 12,5 metros. Ainda serão construídos 2,68 km de trilhos dentro da área do arrendamento para integração ferroviária.

### **Cofecon: Caged sinaliza que exportadores limitarão demissões na indústria**

23/03/2016 - Fonte: Paraná Online

Os dados de fevereiro do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) sinalizam que os segmentos exportadores da indústria serão os únicos capazes de aumentar o quadro de funcionários e, assim, limitar as demissões do setor.

A avaliação é do presidente do Conselho Federal de Economistas, Júlio Miragaya. "A indústria que depende de exportar compensa a perda de mercado interno com o aumento das exportações, devido ao novo nível do câmbio", disse.

No segundo mês do ano, a indústria eliminou 26.187 empregos. Dos 12 segmentos, apenas dois registraram saldo positivo: calçados, com as contratações superando as demissões em 7.495, e o de borracha, fumo e couros, com 4.238 empregados a mais que em janeiro. "O mesmo deve ocorrer com a indústria têxtil nos próximos meses, que deve passar por um processo de substituição de importações", estimou o especialista.

Para Miragaya, o desempenho ruim do mercado de trabalho em fevereiro, com eliminação de 104.582 empregos formais, se deve ao prolongamento da crise política.

"O prolongamento do impasse político empurrou o fundo do poço do 4º trimestre de 2015 para o 1º trimestre de 2016", afirmou. Na avaliação do economista, como a perspectiva de que uma solução para a atual situação do País está mais distante, as empresas "desistiram" de esperar uma saída e março deve registrar um dado ainda pior que o do mês passado.

Qualquer que seja o fim para o impasse político, argumenta Miragaya, é possível esperar que a economia brasileira pare de piorar ao longo do segundo semestre. "Se este cenário se confirmar, podemos esperar o início de uma melhora da economia e, conseqüentemente, do mercado de trabalho, a partir de 2017", estima.

### **Relatório da ONU aponta gestão da água como fundamental para geração de emprego**

23/03/2016 - Fonte: EM.com

A gestão da água é fundamental para a geração de empregos e para o desenvolvimento econômico, aponta o Relatório da ONU sobre o Desenvolvimento Mundial dos Recursos Hídricos, lançado nesta terça-feira, 22, em mais de 20 países, entre eles o Brasil. O estudo, que neste ano tem como foco principal o mercado de trabalho, concluiu que três em cada quatro empregos dependem da água.

Apresentado durante seminário na Agência Nacional das Águas (ANA), o documento afirma que a oportunidade para geração de trabalho está diretamente ligada com a gestão sustentável dos recursos hídricos.

A agricultura, a pesca e a silvicultura concentram 1 bilhão de trabalhadores, que usam 70% da água mundial - dados que preocupam se for considerada a possibilidade de escassez.

"A seca pode causar fim da produtividade agrícola e, conseqüentemente, desemprego no campo e êxodo rural. Essas pessoas não necessariamente estarão habilitadas para atuar nos postos de trabalho urbanos. Isso gera insegurança, instabilidade e ainda mais desemprego", apontou a consultora da ONU Ângela Ortigara, doutora em engenharia ambiental.

A relação entre os recursos hídricos disponíveis e a retirada de água para uso tende ao estresse hídrico, afirma também o documento.

As Nações Unidas sugerem que, para embasar suas ações de gestão hídrica, os governos invistam em produzir "dados robustos", como estimar as situações atual e futura dos recursos, a demanda por água, a quantidade de trabalhadores formais e informais, o tempo de trabalho e o perfil dos empregados.

Outra recomendação da ONU é a capacitação de pessoas. Pesquisa realizada em 9 países da Ásia e África revelou que existe um déficit de mais de 780 mil profissionais qualificados.

"Isso traz à tona a questão do empoderamento de mulheres, que geralmente ocupam empregos desvalorizados, mal remunerados e não reconhecidos. Por que não capacitá-las e suprir a demanda de trabalho que precisamos?", indaga a pesquisadora.

Ela lembra que a média do poder de compra, que "melhora a economia e possibilita o crescimento", está relacionada às taxas de empregabilidade. Na América Latina, a cada US\$ 1 milhão investido em água e saneamento, podem ser gerados até 100 postos de trabalho, conforme o relatório.

A gestão da água também pode ajudar a diminuir as 2,3 mortes anuais relacionadas ao trabalho, diz a ONU. Desse total, 17% estão relacionados com doenças transmissíveis ocasionadas pela falta de água e esgotamento sanitário.

A ONU também recomenda investimentos em fontes alternativas de água (a cada US\$ 1 milhão, gera-se de 10 a 15 empregos), na gestão de água da chuva (de 5 a 20 empregos) e na recuperação ambiental (de 10 a 72 empregos). "A transição para uma economia mais verde aumenta as oportunidades de trabalhos decentes", afirmou Ângela.

Durante o seminário na ANA, foi lançado também o relatório do Conselho de Assessoramento ao Secretário-Geral da ONU para Assuntos de Água e Saneamento.

O documento aponta que uma em cada 10 pessoas não tem acesso à água potável e que, a cada 3 pessoas, uma não tem instalações sanitárias.

### **Tarifas podem ter redução**

23/03/2016 - Fonte: Bem Paraná

O setor elétrico brasileiro vive uma fase de muita tranquilidade em razão do momento hidrológico favorável, o que deverá levar ao desligamento de mais usinas termoelétricas, levando em conta sempre o menor custo da energia.

A informação foi dada ontem pelo presidente da Empresa de Pesquisa Energética (EPE), Maurício Tolmasquim, ao avaliar que o grande beneficiado com a decisão será o consumidor final, que deverá conviver este ano com aumentos da tarifa de energia elétrica abaixo da inflação, ou até mesmo sem qualquer aumento dependendo da região. Atualmente o Brasil está com o uso da bandeira amarela.

### **Metade das indústrias do país sofre com falha no fornecimento de energia**

23/03/2016 - Fonte: EM.com



Metade das indústrias do país diz sofrer com problemas de falha no fornecimento de energia de forma frequente ou eventual.

É o que aponta pesquisa encomendada pela CNI (Confederação Nacional da Indústria), realizada no fim do ano passado com cerca de 3.000 empresas.

O levantamento mostra 16% dos entrevistados informando problemas "frequentes" e outros 34%, "eventuais", com o fornecimento de energia.

A margem de erro da pesquisa é de dois pontos percentuais.

As falhas de fornecimento causam problemas diversos como tempo parado de produção e perda de matéria prima. Em alguns setores, uma máquina pode demorar horas para voltar a funcionar depois da falta de energia.

#### **ATÉ 50% DO CUSTO**

Segundo Roberto Wagner, especialista da CNI no setor, indústrias que usam muita energia são as mais prejudicadas. De acordo com ele, devido à grande quantidade de energia utilizada, elas não têm como ter outra fonte de fornecimento reserva.

"São perdas físicas consideráveis que em algum momento viram dinheiro", afirmou Wagner lembrando que o consumo de energia pode variar de 3% a 50% dos custos de uma indústria.

Outro problema apontado no levantamento foi o aumento do custo da energia em 2015, relatado por 93% dos entrevistados.

Para 34,6% das empresas, o impacto do aumento do custo foi alto.

### **Argentina quer passo atrás em livre comércio**

23/03/2016 - Fonte: Automotive Business

A queda expressiva de exportações de veículos da Argentina para o Brasil, combinado com o crescimento das compras de carros brasileiros no país vizinho, deve atrasar a adoção do livre comércio automotivo entre os dois países.

Em reunião marcada em Brasília para a próxima segunda-feira, 28, Martín Etchegoyen, secretário de Indústria do governo argentino, assegurou ao jornal Clarín que será

proposto aos negociadores brasileiros a continuação do sistema de cotas móveis por pelo menos mais um ano, até julho de 2017.

O acordo atual, que vence em 30 de junho próximo, prevê que os dois países podem exportar até US\$ 1,50 um ao outro em veículos e autopeças para cada dólar que importam do vizinho.

Por exemplo, quem importa o total de US\$ 1 milhão pode vender ao outro até US\$ 1,5 milhão sem cobrança de imposto de importação; o que fica acima desses limites é taxado normalmente.

Desde o início deste ano o governo brasileiro passou a defender o fim deste sistema, com a adoção do livre comércio de veículos e autopeças entre os dois países sem cotas e nenhuma aplicação de imposto alfandegário, assim como previa o acordo original do Mercosul assinado em 1991, mas que no caso do setor automotivo já recebeu mais de 40 adendos impondo limitações comerciais, com interesses que flutuam de acordo com as crises econômicas vividas em cada lado da fronteira.

Em certas épocas, com o real excessivamente valorizado, era o Brasil que defendia o regime de cotas.

Agora, com o câmbio mais favorável aos brasileiros e a queda do mercado doméstico que jogou nas alturas a ociosidade da indústria automotiva, são os argentinos que querem a limitação.

“Entendemos que, tal como estão as condições hoje em ambos os países, não é o momento ideal para liberar completamente o comércio de veículos. Vamos propor que o sistema atual flex de 1,5 seja prorrogado por pelo menos mais um ano”, disse o secretário Etchegoyen ao Clarín. O regime já havia sido prorrogado por 12 meses em junho de 2014.

A luz amarela contra a liberação do comércio automotivo foi acendida logo após o governo Mauricio Macri eliminar as restrições alfandegárias que a gestão anterior impunha ao setor.

Com isso, em janeiro e fevereiro deste ano as vendas de veículos aumentaram 30% no mercado argentino em comparação com o mesmo período do ano passado, mas a maior parte do crescimento foi da venda de carros importados do Brasil, já que as compras de produtos feitos na Argentina subiram apenas 2% no primeiro semestre.

Na mão contrária, as exportações de veículos argentinos ao Brasil não param de cair: após atingir o pico de 400 mil unidades em 2013, baixaram para 302 mil em 2014 e recuaram outros 33% em 2015, para pouco mais de 200 mil.

Em janeiro e fevereiro, com o aprofundamento da crise econômica e a maior retração do mercado brasileiro, as vendas dos argentinos caíram ainda mais, 44% na comparação com o primeiro bimestre do ano passado.

No sentido oposto, de 2014 para 2015 as montadoras instaladas no Brasil aumentaram em 5,5% suas vendas aos argentinos, de 255,5 mil para 270,2 mil.

Com a balança pendendo mais favoravelmente agora ao lado brasileiro, os argentinos preferem deixar seu mercado mais limitado aos carros brasileiros, que normalmente são modelos mais baratos do que os feitos na Argentina por uma questão de estratégia da maioria das montadoras que atua no Brasil e tem fábricas também no país vizinho.

## **Ford mostra faróis altos antiofuscantes**

23/03/2016 - Fonte: Automotive Business



A Ford apresentou uma tecnologia inovadora para os faróis altos que garante iluminação mais eficiente e evita o ofuscamento dos demais motoristas. O sistema, que estará em versões do Edge (foto), S-Max e Galaxy, usa uma câmera montada no para-brisa para detectar faróis e lanternas a até 800 metros de distância, tanto de carros como de bicicletas, modulando a luz para manter a segurança sem cegar os outros usuários.

O farol alto permite ao motorista enxergar mais cedo os perigos na pista e estudos mostram que, com o sistema automático, ele é acionado até dez vezes mais rápido que com o controle manual.

“O novo farol alto da Ford ajuda os motoristas a enxergar muito melhor na estrada e sem medo de atrapalhar os outros”, diz o engenheiro de pesquisa de sistemas de iluminação da Ford Europa, Michael Koherr.

Desenvolvida por um time mundial de engenheiros em parceria com fornecedores, a tecnologia foi testada em uma área de simulação e também em rodagem noturna. O farol alto antiofuscante funciona com os sistemas de farol alto automático e de faróis dinâmicos adaptativos de LED.

Ele ajusta o ângulo e a intensidade da luz em sete configurações, de acordo com a velocidade, luz ambiente, ângulo da direção, distância do veículo à frente e uso do limpador de para-brisa. Quando detecta baixas condições de luz no ambiente ele se acende sozinho.

“Descobrimos que alguns motoristas ficam tão preocupados em não cegar os demais que nunca usam o farol alto”, diz Koherr. “A nova tecnologia elimina esse estresse e também faz uma transição suave para que seus olhos se adaptem mais rápido às variações de luz.”

## **Próxima geração de carros da Subaru terá nova plataforma global**

23/03/2016 - Fonte: Automotive Business

A Subaru divulgou detalhes de sua nova plataforma global, que será a base da próxima geração de carros da marca. A novidade é desenvolvida com foco no aprimoramento do desempenho dos veículos, aumento do nível de segurança e da flexibilidade, permitindo o desenvolvimento de diversos modelos com a mesma base. A empresa aponta ainda que a plataforma poderá ser usada em futuros carros elétricos e híbridos.

Segundo a Subaru, a nova plataforma representa o maior salto de desempenho da história da companhia. A novidade promete melhorar a estabilidade, com mais rigidez na estrutura e chassi.

Além disso, estão previstos aprimoramentos no sistema de suspensão, com centro de gravidade mais baixo. As mudanças pretendem garantir respostas precisas ao motorista.

A fabricante indica que a segurança dos carros será reforçada com o uso de aços de alta resistência que garantem melhoria de 40% na absorção de impacto em caso de colisão.

Com o uso da plataforma em toda a gama de veículos, a Subaru prevê ganho de eficiência, ampliando a escala de produção dos componentes. O conceito também deve elevar a integração entre as fábricas do Japão e dos Estados Unidos, com flexibilidade para a montagem de diversos modelos na mesma linha de produção.

A nova plataforma faz parte do Proeminence 2020, plano estratégico de médio prazo anunciado em 2014 pela montadora, que inclui ainda tecnologias como o motor Boxer, de cilindros horizontalmente opostos, e o sistema de tração Symmetrical All-Wheel Drive (AWD).

## **GM antecipa S10 e Trailblazer renovados**

23/03/2016 - Fonte: Automotive Business



A Chevrolet mostra no Salão de Bangcoc como ficarão no Brasil a picape S10 e o utilitário esportivo Trailblazer. A picape foi apresentada no evento tailandês como conceito (à esquerda, na cor laranja) e o SUV como versão definitiva. A nova S10 vem rodando com disfarces há algum tempo. A mudança mais profunda ocorreu na dianteira.

No Trailblazer, a nova frente tem desenho próprio, mais elaborado e diferente da picape. O estilo tem alguma semelhança com modelos Volkswagen como Touareg e Tiguan. O painel também foi reformulado.

A renovação das duas linhas será bem recebida no Brasil. Com a retração de mercado, as vendas do Trailblazer neste primeiro bimestre recuaram 45,4% ante o mesmo período do ano passado. O estrago para a S10 foi pior. Ela perdeu a liderança para a Toyota Hilux e suas vendas encolheram em 58,6%.

## **FPT comemora resultados do centro tecnológico de qualidade**

23/03/2016 - Fonte: Automotive Business

A FPT Industrial vem colhendo bons resultados desde a instalação de seu centro tecnológico de qualidade em Sete Lagoas (MG). A companhia obteve redução na taxa de falhas em campo tanto nos segmentos pesados e médios como nos leves.

O setor foi desenhado e é comandado pelo diretor de qualidade, Eduardo Pimenta, que trabalha com 18 engenheiros e técnicos e conta com a atuação de um gerente de aplicação para cada um dos segmentos on e off road, mais um gerente dedicado ao controle e administração da garantia.

O centro atua em conjunto com o suporte às concessionárias que vendem produtos equipados com motores FPT Industrial, como veículos comerciais, máquinas agrícolas, de construção, geração de energia e embarcações. Segundo a FPT Industrial, o objetivo é aumentar a eficácia no diagnóstico e resolução de falhas no menor tempo possível.

Para isso há dois tipos de atendimento pós-venda. Um deles é o serviço on-line, quando os concessionários entram em contato pela internet com técnicos exclusivos para atendimento em minutos, inclusive para esclarecer eventuais dúvidas.

Para questões mais complexas há o "flying doctors", atendimento por profissionais capazes de resolver situações técnicas em qualquer região da América Latina em menos de 24 horas.

A área técnica permitiu padronização das metodologias de análise e maior sinergia entre as áreas técnicas da FPT com as reais necessidades dos clientes. A estrutura do centro tem área total de 225 metros quadrados.

O destaque do espaço está na oficina, com equipamentos e ferramental completos para análise de motores que já foram submetidos a milhares de horas e quilômetros de uso na aplicação real, em caminhões ou máquinas.

Esse processo começa pela desmontagem total do motor, que permite a análise de cada peça e eventuais melhorias a ser implantadas. As informações são compiladas em um banco de dados e também retroalimentam o desenvolvimento dos motores, que assim passam a incorporar novas soluções técnicas. O centro atende toda a América Latina.

## **Maioria dos empreendedores trocaria o negócio por um bom emprego**

23/03/2016 - Fonte: PEGN



Quatro pesquisas produzidas recentemente pelo Sebrae mostram o que pensam os empreendedores de seus pequenos negócios e de seu futuro profissional em um cenário difícil, como o enfrentado nos últimos tempos. Os resultados revelam como os empresários estão tentando superar os desafios e seguir em frente.

Na pesquisa "Abrir mão do negócio", feita entre 2 e 23 de dezembro de 2015, foram ouvidas 6.121 empresas (MEI, ME e EPP) de todo o País, com o objetivo de identificar a proporção de empresários que abriria mão de seu negócio por um emprego com carteira assinada.



Fonte: Sebrae

Como resultado geral, cerca de 57% deixariam o negócio para se tornar empregados com carteira assinada, sendo que 38%, para receber a mesma renda. Outros 19% trocariam só se fosse para ganhar 50% a mais na sua renda.

Por outro lado, 38% não trocariam nem se fosse para ganhar 50% a mais na sua renda; 4% não sabem e 2% já têm carteira assinada. No Centro-Oeste, 36% disseram que trocariam para ganhar a mesma renda; 18% só trocariam para ganhar 50% mais; e 40% disseram que não trocariam, nem mesmo para ganhar 50% mais.

Enquanto isso, no DF, 36% afirmaram que largariam o seu negócio para ser empregado de carteira assinada, mas 45% não trocariam nem se fossem ganhar 50% a mais.

Nesta pesquisa, 41% dos microempreendedores individuais (MEI) afirmam que não trocariam seu negócio, nem se fosse para ganhar 50% a mais – a maior proporção de “não” entre os empresários.

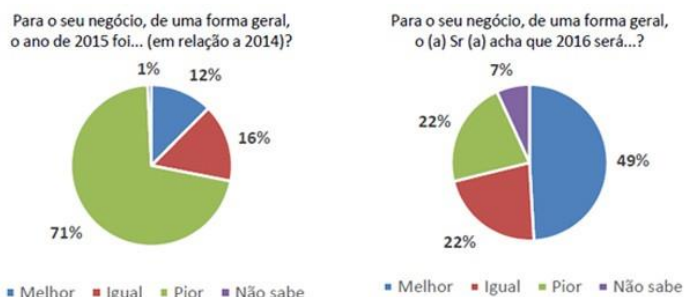
Por outro lado, 66% dos empresários de pequeno porte (EPP) apresentaram a maior proporção entre os que trocariam seu negócio por um emprego com carteira assinada para ganhar a mesma renda média ou 50% a mais.

Por setor, os empresários da indústria mostraram o maior percentual de pessoas que não estariam dispostas a trocar seu negócio por um emprego com carteira assinada, nem se fosse para ganhar 50% a mais (43%). Já o comércio mostrou a maior proporção de empresários que trocariam seu negócio para receber a mesma renda ou 50% a mais (60%).

## Expectativas

Com o objetivo de identificar a avaliação geral dos pequenos negócios em relação a 2015 e às expectativas para 2016, foi realizada a pesquisa “Expectativas para 2016”, entre os dias 2 e 30 de novembro passado, ouvindo 6.148 empresas (MEI, ME e EPP).

Ela identificou que cerca de 49% das MPE esperam que 2016 seja melhor que 2015, 22% esperam que seja igual, 22% esperam que seja pior e 7% não sabem. Lideram a avaliação negativa de 2015 as MPE do Sudeste (73%), as EPP (76%) e a indústria (72%). Já, para a avaliação positiva de 2015, a liderança ficou com as MPE do Norte (19%), os MEI (16%) e o comércio (25%).



No Centro-Oeste, tomando 2015 em relação a 2014, 15% perceberam um desempenho melhor, 17% responderam “igual”, enquanto que 67% disseram “pior” e 1% respondeu não saber.

Na comparação da expectativa de 2016 em relação a 2015, 50% acreditam que será melhor; 21% acreditam que será igual; 22% estão pessimistas e acham que será ainda pior; e 7% disseram não saber.

No DF, 74% dos empresários disseram que o desempenho em 2015 foi pior do que em 2014. Para o ano de 2016, 50% empresários esperam obter um desempenho melhor.



## Investimentos

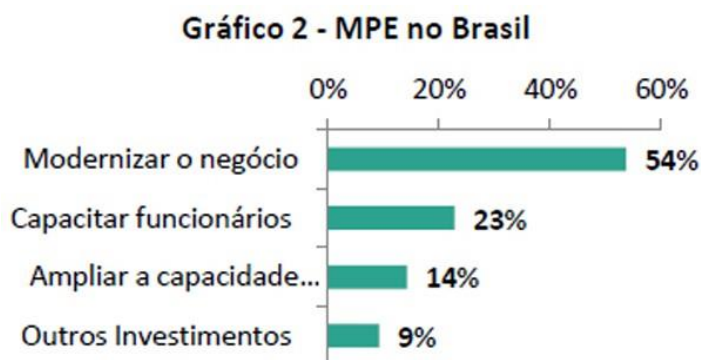
Em outra pesquisa feita pelo Sebrae no final de 2015, foi identificada a proporção de empresas que pretendiam realizar investimentos “novos” até o final desse ano, assim como o tipo de investimento.

Com o tema “Investimentos nas MPE”, o estudo mostrou que apenas 31% das empresas pretendiam realizar investimentos nos últimos 3 meses de 2015. A amostragem foi feita entre os dias 1º e 30 de setembro de 2015, consultando 6.187 empresas (MEI, ME e EPP) de todo o País.



Fonte: Sebrae

Destaca-se, ainda, como resultado da pesquisa, que 65% deles não pretendiam fazer investimento novo; e 4% não sabiam. Dos que pretendiam fazer investimentos novos, a maioria (54%) pensava em modernizar o negócio (novos produtos/novos processos), 23% queriam capacitar funcionários; 14% pensavam em ampliar a capacidade produtiva; e 9% pretendem realizar outros investimentos (como marketing, propaganda e publicidade).



Não houve diferenças expressivas por setores. Tanto a proporção de quem pretendia fazer investimento novo (que variou de 30% a 34%) quanto o tipo de investimento teve resultados semelhantes quando considerados os quatro setores analisados – exceto pelo fato de o comércio se destacar por uma proporção maior de quem pretendia modernizar o negócio (provavelmente com inovações de produtos, como marcas e produtos mais baratos).

No Centro-Oeste, o destaque ficou para “Modernizar o negócio”, resposta dada por 65% dos entrevistados, que, na primeira pergunta, admitiram pretender fazer algum investimento. Enquanto que no DF apenas 27% afirmaram que iriam realizar investimentos em 2015. Deles, 45% afirmaram que iriam modernizar seus negócios.

## Famílias

Para identificar a proporção de empresas familiares no universo dos pequenos negócios formais no Brasil, o Sebrae realizou outra pesquisa, na qual ouviu 6.013 empresas (MEI, ME e EPP), entre os dias 3 e 31 de agosto de 2015.

O resultado foi de que tanto no Brasil quanto no DF cerca de 57% dessas empresas são “familiares”, ou seja, aquelas em que há parentes (pai, mãe, avô, avó, filho/a,

sobrinho/a, neto/a, cunhado/a) entre os sócios e/ou empregados/colaboradores (com ou sem carteira assinada).



Percentualmente, a pesquisa também mostrou que 71% das empresas de pequeno porte (EPP), 68% das microempresas (ME) e 38% dos microempreendedores individuais (MEI) são “empresas familiares”.

Deve-se observar que a maioria dos MEI são indivíduos que tocam o próprio negócio, sem sócios e sem empregados, razão pela qual poucos deles são classificados como “empresa familiar”, segundo a definição utilizada na pesquisa.

Por setores de atividade, 61% das indústrias, 59% das empresas de comércio, 56% das empresas de serviços e 41% das empresas da construção são “Empresas familiares”. A baixa proporção de empresas familiares nos dois últimos setores também parece estar associada ao fato de serem setores com alta proporção de MEI.

### **Fras-le supera expectativas: lucro sobe 16% em 2015**

23/03/2016 - Fonte: Automotive Business



Contra a maré do cenário econômico desfavorável, a Fras-le conseguiu apurar crescimento em quase todos os indicadores de seu balanço divulgado na terça-feira, 22, ao mercado financeiro. A companhia, parte do conglomerado Randon, encerrou 2015 com incremento de 16% no lucro líquido contra o ano anterior, para R\$ 52,5 milhões, sendo este o melhor resultado dos últimos cinco anos em valores.

O faturamento líquido consolidado superou o resultado do ano anterior em 14,4%, para R\$ 875 milhões, apresentando crescimento médio anual de 12,5% nos últimos cinco anos. Deste total, R\$ 428,9 milhões foram gerados no mercado interno, crescimento de 5,5%, enquanto os demais R\$ 446,1 milhões são provenientes dos negócios no mercado externo, alta de 24,6% no comparativo anual.

O faturamento bruto (antes da consolidação) fechou em R\$ 1,2 bilhão, 14,8% acima do resultado de um ano antes. O EBITDA (ou Lajida, lucro antes do pagamento de juros, impostos e depreciação de ativos) ficou em R\$ 122,5 milhões, crescimento de 16,9% sobre o de 2014.

Tanto faturamento bruto quanto líquido consolidado ficaram acima das estimativas da empresa, que no início do ano previa R\$ 1,1 bilhão e R\$ 820 milhões, respectivamente.

“Planejamos e conseguimos transformar o complicado 2015 - palco pouco favorável aos negócios, política e economicamente - num ano de superação”, comemora o diretor presidente da Fras-le, Pedro Ferro Neto, em comunicado ao mercado.

Em seu relatório, a empresa informa que no decorrer de 2015 a Fras-le reposicionou

parcialmente os preços de alguns produtos, ação que contribuiu para as vendas no segmento de reposição apresentar evolução. No entanto, as vendas para clientes do segmento de montadoras e sistemistas absorveram os impactos da redução nas atividades da indústria, se mantendo ao longo do ano com variação negativa.

Em volumes, a Fras-le produziu 87,4 milhões de peças em 2015, 7,8% a menos do que em 2014, enquanto as vendas somaram 82,8 milhões de unidades, queda de 12,6%.

A empresa explica que mesmo com volumes menores, foi possível obter evolução nas receitas devido às variedades do mercado interno, uma vez que atua com portfólio diversificado, além do efeito de apreciação do dólar frente ao real e sua atuação com a extensa estrutura de rede tanto no Brasil como nos países onde atua com estrutura própria, como China, Estados Unidos, Argentina, Alemanha, Dubai, Chile, México e África do Sul. Em seu relatório, a Fras-le considerou dólar médio de R\$ 3,33 em 2015, enquanto em 2014 a média foi de R\$ 2,35.

As exportações a partir do Brasil somaram US\$ 73,7 milhões em 2015, resultado 21,8% abaixo do apurado em ano anterior.

“A crise é inegável, mas optamos pelo crescimento superando as adversidades”, afirmou Ricardo Reimer, diretor superintendente e de relações com investidores da Fras-le.

### **MAN vende 103 chassis de ônibus para Anápolis**

23/03/2016 - Fonte: Automotive Business



A MAN Latin America vendeu 103 chassis de ônibus Volkswagen para a o Grupo São José, responsável pelo transporte urbano da cidade de Anápolis (GO). A compra envolveu três modelos, VW 17.230 OD, VW 17.230 OD Full Air, com suspensão 100% pneumática, e VW 18.280 OT LE, de piso baixo.

A frota urbana da Anápolis é formada por mais de 200 unidades Volkswagen. Os novos veículos vão circular mais de 1,3 milhão de quilômetros por mês em diversas zonas de transporte da cidade goiana, cuja população tem 366 mil habitantes.

De acordo com a empresa de transportes, os motores EGR (que dispensam o uso de Arla 32) e os câmbios automáticos para o modelo de piso baixo influenciaram a compra.

### **Módulo rotativo dinâmico para montagem de eletrônicos**

23/03/2016 - Fonte: CIMM

Schunk ERD é um módulo rotativo sem precedentes que foi particularmente desenvolvido para aplicações na montagem de eletrônicos, bens de consumo e para a indústria farmacêutica; o módulo compacto de giro sem fim é equipado com duas passagens de ar comprimido integradas. Disponível opcionalmente com quatro passagens elétricas e encoder absoluto certificado SIL2.

O novo módulo possibilita economia de espaço, alto torque, sistemas de montagem em alta velocidade que também atendem aos mais altos padrões de produtividade das máquinas. O módulo rotativo da líder competente em tecnologia de fixação e sistemas de garras é atuado por um motor sincronizado sem escova com excitação permanente.

Sua geometria especial garante alta dinâmica e aceleração. Além disso, devido às passagens de ar integradas, os atuadores pneumáticos conectados ao módulo podem ser atuados mais rapidamente. Estes dois fatores combinados garantem um ciclo de tempo reduzido e alta produtividade.

O encoder de posicionamento absoluto elimina a necessidade da referência, economizando tempo de giro durante o início de ciclo ou após uma parada de emergência. Ademais, a precisão é aperfeiçoada, atingindo incríveis 0.01°.

Um grande número de pólos garantem que, o módulo da empresa familiar inovadora, gere um alto torque nominal de mais de 1.2 Nm, mesmo em baixas velocidades. O fato do módulo quase não ter partes que sofrem desgaste, resulta em alta longevidade. Para comando do módulo, pode ser utilizado um driver de atuação Bosch-Rexroth IntraDrive CS.

O módulo Schunk ERD está disponível em tamanhos de 04, 08 e 12; essas definições também correspondem ao torque nominal de 0.4, 0.8 ou 1.2 Nm. Opcionalmente, o módulo conta com a proteção classe IP40 ou IP54.

## **BMW leva veículos autônomos à fábrica para reduzir custos**

23/03/2016 - Fonte: CIMM

A BMW está levando seus esforços do segmento de veículos autônomos para as fábricas, testando carrinhos robóticos do tamanho de malas como parte de um investimento em automação que ajudará a empresa a reduzir os custos em 5 por cento por carro anualmente.

Em um projeto iniciado neste mês no centro de logística da BMW em Wackersdorf, Alemanha, os veículos encontram o contêiner com as peças desejadas de forma autônoma, deslizam-se por baixo dele e o transportam à área de acondicionamento.

O sistema economiza dinheiro em relação ao atual processo manual, com tempos de resposta mais curtos e fluxos de estoque melhorados, disse Oliver Zipse, chefe de produção da BMW, em entrevista.

"Se eu não levo as peças certas aos lugares certos de forma inteligente, a linha de montagem como um todo fica atravancada de peças", disse Zipse.

A fabricante alemã planeja levar os carrinhos automatizados, que a BMW produz internamente, para outros armazéns após um teste de seis meses. O programa faz parte de um esforço mais amplo para eliminar várias centenas de milhões de euros em custos nos próximos anos para financiar o desenvolvimento de recursos de direção autônoma e outras tecnologias para os carros da empresa, investimentos que poderão demorar anos para compensar.

O CEO Harald Krüger disse na apresentação da estratégia "Next" da BMW, na semana passada, que as operações dinamizadas são "imperativas" para investir no futuro.

### **30 horas por carro**

Com as linhas de montagem já bastante aperfeiçoadas, a movimentação de peças é uma das últimas áreas restantes abertas para a melhoria da produtividade. Além disso, o processo vem se tornando mais complexo porque as fábricas muitas vezes produzem

vários modelos em uma única linha de montagem e cada vez mais opções de customização estão sendo oferecidas para seduzir os consumidores modernos.

A meta das mudanças é reduzir o tempo de produção para uma média de 30 horas por carro e a BMW "não está longe disso", disse Zipse, que preferiu não especificar a atual taxa de produção por carro. Na Mercedes-Benz, a produção era de 61 horas por carro, em média, em 2005.

## **Conheça o pneu esférico que pretende 'reinventar a roda'**

23/03/2016 - Fonte: CIMM

Se a roda foi uma das invenções mais perfeitas e revolucionárias de todos os tempos, será que é preciso "reinventá-la"?

Uma das maiores fabricantes de pneus do mundo parece pensar que sim. No Salão do Automóvel de Genebra, que acaba de fechar suas portas, a Goodyear apresentou dois novos conceitos projetados especialmente para veículos autônomos.

O mais incrível deles, batizado de Eagle-360, literalmente reinventa a roda com um impressionante design esférico.

"Não estamos tentando prever o futuro, mas estamos estudando o futuro da mobilidade e da conectividade", afirmou Keith Price, porta-voz do departamento de pesquisa e desenvolvimento da empresa.



Pneu esférico permitiria manobras que são impossíveis com o formato convencional. Imagem: Divulgação

### **Levitação magnética**

As vantagens de pneus em forma de bola são muitas. Equipado com eles, um carro sem motorista pode se mover em qualquer direção, em qualquer ângulo e a qualquer momento: girando o veículo para o outro sentido sem sair do lugar ou deslizando lateralmente para entrar em uma vaga de estacionamento mais apertada.

Essas manobras são impossíveis com a interface motorista/volante, em que é necessário um impulso para a frente para poder executar uma curva. Mas com um robô no comando de um pneu esférico, praticamente tudo é possível.

As desvantagens são mais óbvias: uma esfera não possui um eixo central, e, por isso, nenhum ponto para o encaixe de um sistema de transmissão.

O Eagle-360 (que ainda está na fase de concepção) pretende superar esse obstáculo usando levitação magnética para sustentar o veículo acima de seus pneus, e aplicar a mesma tecnologia para conduzir e frear.

Hoje em dia, essa tecnologia só é usada em trens, e a Goodyear revela não estar trabalhando com um parceiro para desenvolver uma versão redonda da levitação

magnética. Pelo menos não até a apresentação em Genebra. "Não me surpreenderia se alguém nos procurar para discutir o assunto depois do salão", disse Price.

A banda de rodagem do Eagle-360 representa uma solução engenhosa para outro problema. Enquanto o padrão linear parece fazer sentido quando um pneu gira em torno de um só eixo, uma esfera precisa de aderência em todas as direções.

Para isso, a Goodyear foi procurar na natureza e encontrou a resposta nas espirais do chamado coral-cérebro (família das Faviidae).

Assim como as pontas de nossos dedos, o novo pneu se tornaria mais macio e aderente em condições úmidas, mas mais firme no clima seco.

### **Pneu inteligente**

A segunda novidade da Goodyear em Genebra tem o formato convencional de sempre, mas com uma diferença. Apesar de não trazer consigo um otimismo futurista, o IntelliGrip é uma extensão lógica dos monitores de pressão integrados.



Outro conceito da fabricante é o pneu capaz de 'ler' informações sobre a rota. Imagem: Divulgação

"Ao tirarmos o ser humano da equação, os carros têm muito mais o que fazer sozinhos", diz Price. "Isso significa um conteúdo sensorial muito maior para que o veículo possa estudar melhor o ambiente e a estrada."

E o melhor lugar para "estudar" a estrada é no ponto em que a borracha a toca.

Ainda em fase de desenvolvimento, o IntelliGrip terá sensores integrados para a superfície e para as condições climáticas. Também será capaz de monitorar seu próprio uso, de avisar o carro para reduzir ou aumentar a velocidade, e até de se adaptar para encurtar a distância de frenagem ou aderir melhor nas curvas.

A Goodyear não parece pensar que vamos ver esses modelos de pneus exatamente como eles foram apresentados em Genebra, mas suas características estarão presentes em produtos futuros.

"As montadoras dizem que até 2035, vão estar vendendo 85 milhões de carros autônomos por ano", afirmou Price. Alguém vai ter que fabricar pneus para todos eles.

**Investimento Direto no País em fevereiro soma US\$ 5,920 bi e supera previsões**

23/03/2016 - Fonte: EM.com

Os Investimentos Diretos no País (IDP) somaram US\$ 5,920 bilhões em fevereiro, segundo informou nesta quarta-feira, 23, o Banco Central. O resultado é mais do que o suficiente para cobrir o rombo de US\$ 1,919 bilhão verificado no saldo das transações correntes do mês.

O valor total também ficou acima das estimativas apuradas pelo AE Projeções com instituições financeiras, que iam de US\$ 2,950 bilhões a US\$ 5,500 bilhões, com mediana de US\$ 4,900 bilhões.

Pelos cálculos do Banco Central, o IDP de fevereiro ficaria em US\$ 4,5 bilhões. A estimativa da autarquia foi feita com base nos números até 19 de fevereiro, quando o País havia recebido US\$ 3,3 bilhão em recursos externos.

No primeiro bimestre de 2016, o ingresso de investimentos estrangeiros destinados ao setor produtivo soma US\$ 11,375 bilhões. No acumulado dos últimos 12 meses até fevereiro deste ano, o saldo de investimento estrangeiro ficou em US\$ 77,563 bilhões, o que representa 4,48% do Produto Interno Bruto (PIB).

#### Investimento em ações

O investimento estrangeiro em ações brasileiras ficou positivo em US\$ 871 milhões em fevereiro, conforme informou o Banco Central. Em igual mês do ano passado, o resultado havia sido positivo, em US\$ 1,181 bilhão. No acumulado do ano, o saldo está no azul em US\$ 874 bilhões.

Já o saldo de investimento estrangeiro em títulos de renda fixa negociados no País ficou negativo em US\$ 3,912 bilhões em fevereiro e em US\$ 5,105 bilhões no acumulado do bimestre. Em fevereiro do ano passado, essas aplicações estavam positivas em US\$ 2,871 bilhões e, no acumulado do primeiro bimestre de 2015, negativa em US\$ 13,506 bilhões. O saldo do ano foi de US\$ 16,296 bilhões no ano passado.

O aumento da procura por esses títulos teve início em junho de 2013, quando o governo zerou o Imposto sobre Operações Financeira (IOF) sobre esse tipo de aplicação. Mais recentemente, o ciclo de aperto monetário aumentou o diferencial de juros entre o Brasil e o restante do mundo, tornando as aplicações brasileiras de renda fixa mais interessantes para os estrangeiros.

#### Taxa de rolagem

O Banco Central informou que taxa de rolagem de empréstimos de médio e longo prazos captados no exterior ficou em 55% em fevereiro. Esse patamar significa que não houve captação de valor em quantidade similar para rolar compromissos das empresas no período. O resultado ficou abaixo do verificado em fevereiro do ano passado, quando a taxa havia sido de 97%.

De acordo com os números apresentados nesta quarta pelo BC, a taxa de rolagem dos títulos de longo prazo, antes chamados de "bônus, notes e commercial papers" ficou em 30% em fevereiro.

Em igual mês de 2015 havia sido de 36%. Já os empréstimos diretos atingiram 69% no mês passado ante 112% de fevereiro do ano passado.

No acumulado do ano, a taxa de rolagem total ficou em 40%. Os títulos de longo prazo tiveram taxa de 30% e os empréstimos diretos, de 43% no período.

### **Minas e Energia fixa novas regras de habilitação de empreendimentos de geração**

23/03/2016 - Fonte: EM.com

O Ministério de Minas e Energia (MME) estabeleceu em portaria as condições para cadastramento e habilitação técnica de empreendimentos de geração na Empresa de Pesquisa Energética (EPE) para participação em leilões de energia nova, de fontes alternativas e de energia de reserva.

De acordo com as regras, os empreendimentos de geração, inclusive a ampliação de empreendimentos existentes, deverão estar registrados na Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel), que deverá publicar o registro no prazo de até 65 dias antes da realização dos leilões, desde que atendidas as condições previstas em atos normativos específicos.

Além da habilitação técnica e o cadastramento na EPE, a portaria, que está disponível no Diário Oficial da União (DOU), disciplina também o processo simplificado para cadastramento nos leilões. O texto ainda ressalva que, para os leilões já em andamento, valem as regras contidas em portaria de janeiro de 2008, no que couber.

### **Confiança da indústria sobe 1,1 ponto em março ante prévia da FGV**

23/03/2016 - Fonte: EM.com

O Índice de Confiança da Indústria (ICI) apurado na prévia da sondagem de março ficou em 75,8 pontos, o que significa avanço de 1,1 ponto em relação ao resultado final de fevereiro, que foi de 74,7 pontos. No mês passado, o ICI caiu 1,5 ponto ante o mês anterior.

Na comparação com março do ano passado, sem ajuste, a prévia aponta queda de 3,6 pontos na confiança. "O resultado compensa parte da queda de fevereiro e mantém a tendência de estabilidade do índice em patamar compatível ao mínimo histórico da série", informou em nota oficial a Fundação Getúlio Vargas, responsável pelo levantamento.

A prévia de março demonstra que o Índice da Situação Atual (ISA) avançou 2,3 pontos, para 79,4 pontos. Enquanto isso, o Índice de Expectativas (IE) ficou estável em 72,6 pontos, piso histórico.

O Nível de Utilização da Capacidade Instalada (Nuci) da indústria atingiu 74,3%, segundo a prévia da Sondagem da Indústria de março, divulgada pela FGV. O resultado, já livre de influências sazonais, é superior ao apurado no resultado final da sondagem de fevereiro (73,6%), quando o indicador atingiu o piso histórico da série.

A prévia dos resultados da Sondagem da Indústria de março abrange a consulta a 783 empresas entre os dias 01 e 20 deste mês. O resultado final da pesquisa para março será divulgado no próximo dia 31.

### **MME define garantia física de energia de novos empreendimentos**

23/03/2016 - Fonte: EM.com

O Ministério de Minas e Energia (MME) publicou portaria no Diário Oficial da União (DOU) com a metodologia de cálculo da garantia física de energia de novos empreendimentos de geração de energia elétrica do Sistema Interligado Nacional (SIN). A regra vale para os empreendimentos de geração de energia elétrica em operação cujos valores de suas garantias físicas não tenham sido publicados ou que tenham sofrido alteração de seu combustível principal.

A portaria ainda traz fórmulas específicas para o cálculo das garantias físicas de energia dos empreendimentos participantes do Leilão A-5 marcado para 29 de abril.

Dentre outros pontos, o texto também estabelece que os valores relativos às garantias físicas de energia de todos os agentes de geração termelétrica ficam condicionados à comprovação, junto à Empresa de Pesquisa Energética (EPE), da existência de combustível necessário à operação das respectivas usinas.



## **Compras dos distribuidores de aço caem 21,1% em fevereiro, diz Inda**

23/03/2016 - Fonte: EM.com

A compras feitas pela rede de distribuição de aço em fevereiro recuaram 21,1% em relação ao visto no mesmo intervalo do ano passado para 224,9 mil toneladas, de acordo com dados do Instituto Nacional dos Distribuidores de Aço (Inda). Em relação a janeiro, o recuo foi de 7,9%.

As vendas, por sua vez, caíram 11% em fevereiro na relação anual, para 242,9 mil toneladas. Ante janeiro houve uma alta de 0,6%. Com isso os estoques atingiram 906,4 mil toneladas, queda de 1,9% em relação ao mês imediatamente anterior. O giro, assim, ficou em 3,7 meses.

As importações caíram 86,3% em fevereiro na relação anual para 24,3 mil toneladas. Ante janeiro houve um recuo de 19,9%.

Para março, o Inda estima um aumento de vendas e de compras de 4% em relação a fevereiro.

### Usiminas

A Usiminas anunciou à rede de distribuição um aumento de 10%, valendo a partir do dia 1º de abril, disse o presidente do Inda, Carlos Loureiro. A informação, segundo ele, é de que esse movimento de ajuste deverá ocorrer também com os clientes do setor industrial sem contratos anuais.

Loureiro disse que a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) também seguirá o aumento do aço plano e informou aos distribuidores um aumento de 10% a 12%, a valer no dia 6 do próximo mês. O presidente do Inda falou que a expectativa é que a ArcelorMittal siga pelo mesmo caminho.

"Nunca tivemos uma expectativa como essa, estabilidade do dólar, enormes prejuízos das usinas e prêmio negativo", disse. Loureiro acredita, assim, que esses reajustes sejam implementados. "Não tem mais gordura para se brigar pelo market share", disse.

### Prêmios negativos

O prêmio do aço importado hoje está negativo, mesmo com o dólar em um patamar de R\$ 3,60, disse Loureiro. Segundo ele, um recente aumento dos preços no mercado internacional tem ajudado a consolidar esse efeito. De acordo com Loureiro, ao considerar a bobina a quente o prêmio está negativo entre 5% e 6%.

A penetração do aço importado em relação ao consumo está hoje em 4,6%, considerando o primeiro bimestre deste ano.

## **Cofecon: Caged sinaliza que exportadores limitarão demissões na indústria**

23/03/2016 - Fonte: EM.com

Os dados de fevereiro do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) sinalizam que os segmentos exportadores da indústria serão os únicos capazes de aumentar o quadro de funcionários e, assim, limitar as demissões do setor. A avaliação é do presidente do Conselho Federal de Economistas, Júlio Miragaya.

"A indústria que depende de exportar compensa a perda de mercado interno com o aumento das exportações, devido ao novo nível do câmbio", disse.

No segundo mês do ano, a indústria eliminou 26.187 empregos. Dos 12 segmentos, apenas dois registraram saldo positivo: calçados, com as contratações superando as

demissões em 7.495, e o de borracha, fumo e couros, com 4.238 empregados a mais que em janeiro.

"O mesmo deve ocorrer com a indústria têxtil nos próximos meses, que deve passar por um processo de substituição de importações", estimou o especialista.

Para Miragaya, o desempenho ruim do mercado de trabalho em fevereiro, com eliminação de 104.582 empregos formais, se deve ao prolongamento da crise política. "O prolongamento do impasse político empurrou o fundo do poço do 4º trimestre de 2015 para o 1º trimestre de 2016", afirmou.

Na avaliação do economista, como a perspectiva de que uma solução para a atual situação do País está mais distante, as empresas "desistiram" de esperar uma saída e março deve registrar um dado ainda pior que o do mês passado.

Qualquer que seja o fim para o impasse político, argumenta Miragaya, é possível esperar que a economia brasileira pare de piorar ao longo do segundo semestre. "Se este cenário se confirmar, podemos esperar o início de uma melhora da economia e, conseqüentemente, do mercado de trabalho, a partir de 2017", estima.

### **Artigo: Armageddon**

23/03/2016 - Fonte: Folha de S. Paulo

No Novo Testamento há uma referência a Armageddon, onde as forças do bem e do mal travarão a batalha final que decidirá o fim do mundo. Pois bem: em Brasília, na segunda semana de março de 2016, iniciou-se a batalha final! Dilma convocou sua última reserva, o ex-presidente Lula, nomeando-o para chefe da Casa Civil, com a esperança de que ele reagrupará o exército que ela dispensou!

Por outro lado, a Câmara dos Deputados, numa resposta rápida e eficiente mobilizou-se e deu início ao processo de impeachment.

Nossas incertezas são produzidas por um processo político-econômico que se auto-alimenta e só se mitiga com a arbitragem, cada vez mais frequente, do STF, o que, revela dificuldades intransponíveis no tratamento civilizado, necessário e insubstituível que deve existir entre os poderes Executivo e Legislativo.

A consequência mais grave do ilusório presidencialismo de coalizão, que nem preside nem coaliza, é um desarranjo estrutural das finanças públicas no meio de uma recessão que provavelmente será a maior da história do Brasil.

Os ministros da Fazenda escolhidos por Dilma propuseram soluções razoáveis, mas ela sempre lhes deu apoio relativamente descompromissado, porque contrariam o pensamento mágico do seu partido, o PT, que continua insistindo na solução bem sucedida na crise de 2009, quando as condições eram completamente diferentes das atuais. Repeti-la, hoje, seria insensatez.

A escolha de Lula, que é um negociador competente e pragmático, objetivou basicamente dar uma ordem unida ao seu partido, que é quem tem criado as maiores dificuldades para Dilma.

Ele tem condições para fazê-lo, porque o PT sabe que sem a sua liderança carismática será apenas um pequeno partido reacionário a serviço de um sindicalismo míope a serviço do corporativismo do funcionalismo público e, demagogicamente, contra o progresso tecnológico, que no longo prazo é o verdadeiro instrumento do aumento da produtividade do trabalho.

Em condições normais de pressão e temperatura, a nomeação de Lula, provavelmente, teria condições de reconstruir a formidável base parlamentar que a inabilidade política do governo destruiu.

Infelizmente, o início do processo de impedimento da presidente parece tê-la tornado tarde demais.

Depois dos "grampos" e da resistência legal à sua escolha, a situação está longe das condições normais de pressão e temperatura...

Será difícil provar a intencionalidade de um ato subjetivo como a nomeação de Lula, mas a situação é muito grave e poderá, eventualmente, reforçar os motivos de impeachment.

(Antonio Delfin Netto: Ex-ministro da Fazenda (governos Costa e Silva e Médici), é economista e ex-deputado federal. Professor catedrático na Universidade de São Paulo).

### **Minério de ferro volta a cair na China após recuperação recente**

23/03/2016 - Fonte: R7

O minério de ferro voltou a cair nos mercados futuros e à vista da China nesta quarta-feira, embora o aço tenha subido e tocado máxima desde junho antes de devolver ganhos, em meio a uma retomada na demanda chinesa que pode reforçar as recentes altas do minério de ferro.

Os preços do aço têm subido na China, maior consumidor e produtor global do produto, conforme pedidos no mercado doméstico e estoques em queda sugerem que o cenário tem melhorado com o tempo mais quente impulsionando as atividades de construção.

Apesar disso, o minério de ferro, que é matéria-prima do aço, teve queda de 2 por cento na bolsa de Dalian e fechou em 411 iuanes por tonelada. Ainda assim, a commodity acumula alta acima de 40 por cento no ano.

O minério de ferro para entrega imediata no porto chinês de Tianjin caiu 1 por cento, para 57,30 dólares a tonelada, segundo o The Steel Index.

O preço spot acumula ganhos de cerca de 33 por cento no ano e pode ter em março a maior alta mensal desde dezembro de 2012.

### **Número de empresas criadas sobe 10,4% em janeiro e bate recorde, diz Serasa**

23/03/2016 - Fonte: EM.com

Em janeiro foram abertas 166.613 empresas no Brasil, segundo pesquisa da Serasa Experian, o que significa um recorde para o mês. Na comparação com janeiro de 2015 houve alta de 10,4%, enquanto ante dezembro o avanço foi de 48,0%.

Os microempreendedores individuais (MEI) tiveram alta anual de 14,8% na abertura de empresas em janeiro, para 137.301 unidades, o que representa 82,40% do total de companhias criadas no mês. A participação desse tipo de empresa vem crescendo fortemente desde 2010 e em janeiro de 2015 elas representavam 79,2% do total.

De acordo com os economistas da Serasa, o nascimento de novas empresas está sendo determinado pelo surgimento de mais microempreendedores individuais (MEIs) que, em épocas de crise econômica, são caracterizados por pessoas que perdem seus empregos no mercado de trabalho formal e partem para exercer atividades

autônomas.

O setor de serviços continuou sendo o mais procurado pelos empreendedores em janeiro, com a abertura de 104.357 novas empresas no segmento, o equivalente a 62,6% do total. Em seguida, com 47.888 empresas, está o setor comercial (28,7% do total). Por fim, foram criadas 13.998 empresas na indústria (8,4% do total).

O indicador revela que, nos últimos seis anos, houve um crescimento constante na participação das empresas de serviços no total de negócios que surgem no País, passando de 53,2% em janeiro de 2010 para 62,6% este ano.

Por outro lado, a participação do setor comercial tem recuado gradativamente: de 35,3% em janeiro de 2010 para 28,7%, este ano. Já a participação das novas empresas industriais se mantém basicamente estável.

Para o levantamento do Nascimento de Empresas a Serasa considera a quantidade mensal de novas empresas registradas nas juntas comerciais de todas as Unidades Federativas do Brasil, bem como a apuração mensal dos CNPJs consultados pela primeira vez junto à base de dados da companhia.

## Reajuste do salário mínimo de SC tem dia decisivo nesta terça-feira

23/03/2016 - Fonte: Portal Contábil

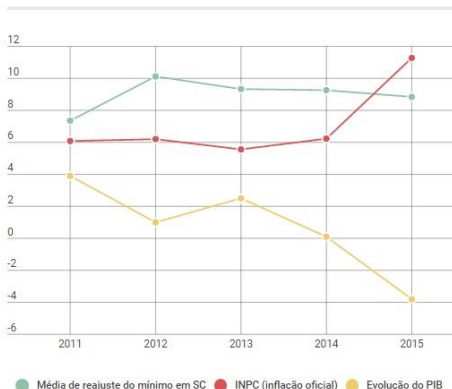
A negociação do piso regional de Santa Catarina chega nesta terça-feira a um patamar inédito desde que o salário mínimo estadual foi implantado, em 2010. Pela primeira vez em seis anos, as discussões avançam até a quinta rodada e entram nas últimas semanas de março sem um acordo.

Na proposta mais recente, patrões oferecem 9,6% de reajuste e alegam dificuldades por conta da crise econômica, enquanto os trabalhadores querem 13,5% – ou pouco mais de 2% de ganho real diante de uma inflação acumulada de 11,28% medida pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC) em 2015.

O Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese), que atua do lado laboral, estima que de 500 mil a 1 milhão de trabalhadores sejam afetados direta ou indiretamente pelo piso regional, que engloba apenas a iniciativa privada. O órgão leva em consideração as categorias que aguardam o mínimo para fechar as próprias convenções.

A primeira conversa para o reajuste de 2016 ocorreu no início de dezembro do ano passado, com sindicatos pedindo 15% e entidades patronais dispostas a dar 6%. Quatro rodadas de negociações e três meses depois, os números já estão mais próximos, mas ainda não agradam completamente a nenhum dos lados.

A evolução do piso e do INPC -  
Em %



A nova tentativa ocorre nesta terça em Florianópolis, na sede da Federação das Indústrias de Santa Catarina (Fiesc), a partir das 13h30min. Representantes dos empresários também ponderam que o melhor é chegar a um acordo por negociação direta, já que, se isso não acontecer, o Executivo tem prerrogativa de determinar o valor do reajuste e encaminhar para aprovação na Assembleia Legislativa sem debates envolvendo os maiores interessados no aumento.

— Nos outros quatro Estados em que existe o piso regional, em geral, não há negociação. É o governador que envia o novo valor à Assembleia. Aqui sempre houve conversa, mas agora está mais difícil em razão de todo o cenário econômico.

Acredito que há uma sensibilidade para que tenhamos um acordo, até por respeito às pessoas qualificadas que participam das negociações — diz o presidente da Câmara de Relações Trabalhistas da Fiesc, Durval Marcatto Júnior.

Os trabalhadores também defendem que a melhor saída é chegar a um acordo entre as partes:

— Quanto à crise, não somos nós que temos que pagar a conta. Mas parece que há uma disposição e esperamos fechar acordo, até porque se for direto para a Assembleia, foge da nossa alçada. Muitos parlamentares não estão por dentro do assunto e seria mais demorado — diz o presidente da Federação dos Trabalhadores nas Indústrias do Estado de Santa Catarina (Fetiesc), Idemar Antonio Martini.

Conforme José Álvaro Cardoso, supervisor técnico do Dieese em SC, essa tem sido a negociação mais longa e difícil da história:

— Avaliamos que o patronal pode subir um pouco. Do nosso lado, também há margem para ceder. Mas não será aceita proposta abaixo da inflação.

## **Recessão faz 277 indústrias fecharem as portas em 2015**

23/03/2016 - Fonte: O Globo



A Mabe, multinacional com sede no México, que fabrica fogões e geladeiras das marcas Dako e Continental, teve falência decretada em fevereiro - **Luciano Claudino / Agência O Globo**

Num cenário de recessão, mais empresas brasileiras estão sendo obrigadas a fechar as portas. Em 2015, houve aumento de 12,6% no total de indústrias que tiveram a falência decretada pela Justiça na comparação com o ano anterior, segundo levantamento da Boa Vista SCPC (Serviço Central de Proteção ao Crédito).

No total, 277 fábricas fecharam, contra 246, em 2014. Quando se incluem na conta as empresas de comércio e serviços, o total de falências decretadas cresce 16,6% — de 924, em 2014, para 1.078. Trata-se da maior taxa de expansão desde 2005, quando foi promulgada a nova Lei de Falências.

## 'CREDIBILIDADE DO GOVERNO ESTÁ COMPROMETIDA'



Ocupação. Trabalhadores da Mabe em assembléia na fábrica de Campinas. Funcionários ocupam há um mês as instalações da empresa, que teve falência decretada em fevereiro - **Luciano Claudino / Agência O Globo**

— A indústria já mostra fraqueza há mais de quatro anos. O resultado é o aumento das falências. Mas, o que preocupa é que, no ano passado, as falências de comércio e serviço também tiveram crescimento expressivo, com a queda no consumo, perda da renda e do emprego. A crise é significativa — avalia Flávio Calife, economista da Boa Vista SCPC.

Somente no ano passado, quase cem mil lojas encerraram as atividades, segundo a Confederação Nacional do Comércio.

Em São Paulo, diante da procura, uma das duas Varas de Falência da capital paulista determinou uma perícia prévia nas empresas que entram com pedido de recuperação. Na prática, funciona como uma espécie de triagem. Com o uso desse filtro, 30% dos pedidos são recusados.

— É uma perícia para avaliar se a empresa é inviável. A recuperação judicial tem como foco proteger o interesse socioeconômico da companhia: empregos, receita, recolhimento de tributos, serviços. Sem contrapartida social, o processo vai proteger apenas o interesse do devedor — diz o juiz Daniel Costa, titular da 1ª Vara de Falências do Tribunal de Justiça de São Paulo, que diz que, entre os processos homologados, 70% são concluídos com êxito.

Em um caso dramático de falência, funcionários ocupam duas unidades da Mabe — multinacional com sede no México, que fabrica fogões e geladeiras das marcas Dako e Continental — em Hortolândia e Campinas, em São Paulo, desde fevereiro, quando a empresa teve a falência decretada.

Os empregados reivindicam o pagamento de direitos trabalhistas e atrasados e a reativação das operações. A empresa entrou em recuperação judicial em 2013. Em dezembro, deu férias coletivas de um mês aos funcionários, mas não retomou atividades.

— Realizamos assembleia e decidimos manter a ocupação, embora tenhamos recebido notificação judicial pedindo a desocupação da fábrica de Hortolândia. Queremos discutir com o administrador da massa falida — afirma Sidalino Orfi Jr., presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Campinas.

Uma solução em estudo, segundo fontes, é usar recursos referentes a dois processos que a Mabe abriu antes da falência e que somam R\$ 45 milhões depositados em juízo para quitar dívidas com trabalhadores e fornecedores. A liberação do montante dependeria de autorização da Fazenda Nacional.

Para Cristóvão Pereira de Souza, especialista em Finanças e professor da FGV-Rio, superar o quadro atual de crise na indústria requer mudança no cenário político:

— Nos últimos anos, o governo adotou uma série de medidas equivocadas e que levaram o país à recessão. Com o impeachment, isso poderia começar a mudar. A credibilidade do governo está muito comprometida. E economia se baseia em confiança. Sem confiança, não há recursos. Sem recursos, não há investimentos.

### **'Empresário luta até o fim'**

Para o advogado Rogério Nicola, do escritório Nicola, Saragossa e Campos, especializado em recuperação judicial, o aumento do número de falências reflete a falta de confiança do empresariado:

— O empresário luta até o fim para não permitir que a falência seja decretada. Isso está no DNA do empresariado.

Foi o caso da filial brasileira da alemã Bekum, que desde 1975 atuava fabricando máquinas sopradoras de plástico, usadas na produção de garrafas PET. Com o real sobrevalorizado, em 2012 equipamentos similares passaram a ser importados. A produção da indústria apresenta queda mensal desde março de 2014, segundo o IBGE.

O agravamento da crise derrubou a Bekum, que tentou a recuperação judicial por duas vezes, sem sucesso, e teve a falência decretada em março de 2015, com a demissão de 85 funcionários.

Segundo a Serasa Experian, entre 2014 e 2015, 1.292 indústrias tiveram pedidos de falência apresentados à Justiça. Os credores podem pedir a falência quando a dívida líquida vencida e não paga supera o valor de 40 salários mínimos, dizem especialistas.

Para Flavio Castello Branco, gerente de política econômica da Confederação Nacional da Indústria (CNI), o que mais afeta as empresas do setor é uma combinação de pressão de dívidas e dificuldade para conseguir crédito.

Com a Selic em 14,25% ao ano e o medo da inadimplência, a taxa de juros do capital de giro subiu de 22,5% ao ano em janeiro do ano passado para 29,2% em janeiro deste ano.

— Há um refluxo dos empréstimos a empresas que começam a apresentar dificuldade. Então, o crédito fica difícil, mais caro — diz Castello Branco, que avalia que só a retomada do crescimento da economia poderá tirar a indústria da crise.

Para Rafael Cagnin, economista do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (Iedi), três fatores contribuem para o aumento do número de falências no setor: queda no volume de vendas, arrocho no crédito e desvalorização cambial. Os dois primeiros dificultam a entrada de dinheiro nos caixas das empresas, enquanto o dólar mais caro pressiona os custos. Resultado: encurralados, muitos não resistem.

— No atual estágio, a desvalorização do câmbio é favorável porque amplia a competitividade do produto nacional, mas também é um elemento de custo, porque muitos ramos produtivos têm uma participação de componentes importados muito relevantes em sua estrutura de despesas — diz Cagnin.

Enquanto a recuperação não chega, Renata Monteiro, presidente da Apsis Consultoria, especializada em avaliação de ativos, diz que a demanda cresceu 50% no primeiro trimestre em relação ao período de outubro a dezembro:

— Há mais recuperações judiciais, mas também há mais empresas em atividade vendendo ativos para gerar caixa. É um momento interessante para quem pode investir.

### ***Impacto nas multinacionais***

Os estragos da crise não poupam grupos multinacionais. A Rhodia anunciou em abril do ano passado o fechamento da unidade de Jacareí, onde produzia fios têxteis de poliamida. Foram demitidos 129 funcionários, e a empresa informou que concentraria a produção de fios na fábrica de Santo André, no ABC paulista.

Em nota, ela atribui a decisão à queda no consumo de produtos industrializados. “Houve acréscimo substancial dos custos de produção, que foram agravados em 2015 pelo aumento excessivo do custo de energia”, diz.

A Alcoa, especializada na produção de metais leves, se ajustou ao ambiente menos favorável. Em março do ano passado, ela suspendeu a produção de alumínio primário, num momento de alta das tarifas de energia. Na ocasião, cortou 74 mil toneladas da produção da usina Alumar, em São Luís, no Maranhão, e parou de produzir alumínio primário no país. Procurada, informou que não tem planos de retomar estas atividades.

Instalada desde 1964, em São José dos Campos, a Amplimatic, fabricante de peças de alumínio, fechou as portas em agosto e demitiu 57 funcionários. Sem caixa, teve até a energia e o gás cortados.

Maurício Souza de Oliveira, ligado ao Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos, diz que ele e os outros empregados não receberam os direitos trabalhistas. Em dezembro, a fábrica voltou a funcionar com 30 funcionários sem carteira assinada.

Procurada, a Amplimatic informou que se encontra em recuperação judicial e que reiniciou as atividades dentro da legalidade, garantindo que os novos funcionários estão contratados sob o regime CLT. Sobre o pagamento das verbas rescisórias dos antigos funcionários, a empresa não quis se pronunciar.

### ***Leader Magazine deve ser vendida até fim de abril***

A Leader vai trocar 100% de mãos até o fim de abril. Fábio Carvalho, presidente do Conselho de Administração da Casa & Vídeo, e à frente de uma companhia de investimento, deverá assumir a empresa, afirmam fontes próximas às negociações. Pelas tratativas, o BTG Pactual, que adquiriu a varejista fluminense em 2012 por R\$ 1 bilhão, e a família Gouvêa, fundadora da empresa e que mantém 30% de participação, deixarão a companhia. A operação ainda não tem valor definido.

— A Leader acumula, hoje, dívida superior a R\$ 1,3 bilhão. Dificilmente, o BTG terá qualquer retorno com a venda do ativo. Mas o investidor vai assumir o passivo da varejista. Por ora, o foco está em redução do endividamento. A recuperação é viável, mas haverá fechamento de lojas e ajuste no foco do negócio, que deverá se concentrar no segmento de confecção — explicou um executivo que acompanha as conversas.

No início do ano, o comentário no mercado era que a varejista entraria em recuperação judicial. Optou, porém, pela reestruturação, a cargo da Alvarez & Marsal. O trabalho da consultoria — que, de 2006 a 2009, comandou um primeiro processo de reestruturação da Leader e que impulsionou a expansão da empresa nos anos seguintes — está na melhora da saúde financeira, cortando dívidas.

— Somente com fornecedores, há R\$ 100 milhões em pagamentos atrasados. Todos estão sendo procurados para negociações que têm por objetivo garantir estoque na rede de lojas, mantendo operações e gerando caixa e resultado — explicou essa fonte.

Uma parte importante da dívida está atrelada à conclusão de um pagamento pela compra da varejista paulista Seller. Em 2013, a família Furlan vendeu a Seller à Leader, e ficou acertado que o pagamento seria parcelado. Em janeiro, os Furlan entraram com um pedido de falência da Leader pelo não recebimento de dívidas.



### ***disputa judicial***

A Alvarez & Marsal, conta uma fonte próxima à consultoria, vem atuando judicialmente para que a Leader não seja obrigada a fazer o depósito em juízo da quantia devida à Seller. Em paralelo, estaria já em conversas com a família Furlan para chegar a um acordo e pôr fim à disputa.

Carvalho já trabalhou para a Alvarez & Marsal em processos de recuperação judicial como os da Varig e Casa & Video. Passou a presidente do conselho desta última e, hoje, detém 49% da companhia. Ele reconhece participar de conversas sobre a Leader, mas não comenta detalhes das negociações.

A situação da Leader se agravou depois que o BTG Pactual, acionista controlador, decidiu reduzir ou se desfazer de sua fatia na empresa. O banco vem vendendo ativos e participações societárias desde que André Esteves, fundador e ex-diretor executivo, foi preso envolvido em investigações da Operação Lava-Jato.

A família Gouvêa chegou a cogitar a recompra da parte do banco no negócio, mas desistiu, após conduzir estudo que mostrou que não seria possível assumir a dívida e a readequação da varejista, que mantém uma rede de mais de 90 lojas.